

Cuba gera polêmica dentro do governo de Clinton

Washington — A escolha do subsecretário de Estado para Assuntos Interamericanos continuava ontem a gerar acesa controvérsia e problemas para o novo governo do presidente Bill Clinton.

A pessoa que finalmente for indicada e ratificada pelo Congresso será o principal funcionário encarregado dos assuntos latino-americanos e do Caribe no governo recém-empossado.

A polêmica, entretanto, centrou-se unicamente em Cuba, e seus participantes parecem ignorar as necessidades e aspirações do resto do continente.

A controvérsia tem raízes nas divergências entre os grupos de exilados cubanos sobre a indicação original de Clinton, o advogado Mario Baeza.

Os cubanos que seguem orientação de linha-dura e advogam o isolamento total de Fidel Castro iniciaram imediatamente uma campanha de oposição a Baeza por acharem que ele favoreceria uma políti-

ca moderada e talvez um diálogo com o governo de Havana.

O nome do advogado Baeza, que é filho de cubanos, porém nascido nos Estados Unidos, foi incluído na lista de funcionários indicados por Clinton e que foi enviada ao Senado, que constitucionalmente deve confirmar as indicações.

Logo em seguida, surgiu o nome de Sally Shelton-Colby, que foi embaixadora no Caribe durante o governo do democrata Jimmy Carter, para desempenhar as funções de Bernard Aronson, que por enquanto continua no exercício do cargo, a pedido de Clinton, apesar de ter sido homem de confiança do regime republicano do ex-presidente George Bush.

Pouco depois, circularam versões de que o cargo seria oferecido ao diplomata de carreira A. Watson, que até recentemente era o número dois na missão dos Estados Unidos na ONU.

A controvérsia em torno de Baeza, que é negro, avolumou-se

quando o grupo de parlamentares negros no Congresso, de esmagadora maioria democrata, interveio em favor do advogado, dando uma conotação racial ao problema.

A oposição de parte dos exilados cubanos à candidatura de Baeza se baseia fundamentalmente na crença de que o advogado de Nova Iorque poderia assumir uma atitude conciliatória em relação a Fidel Castro.

Os argumentos da Associação Nacional Cubano-Americana exploram o fato de Baeza ter feito duas viagens a Havana, a última das quais em junho do ano passado com um grupo de empresários norte-americanos.

Segundo fontes cubanas, essa viagem teve como objetivo promover investimentos estrangeiros em Cuba, o que contraria a posição dos que desejam intensificar o embargo comercial imposto pelos Estados Unidos ao regime castrista há 30 anos.